

Apresentação para a edição brasileira

A palavra “política” não deve ser usada de forma leviana. No nosso cenário midiático, cada vez mais polarizado, muitas pessoas dizem ter liberdade para serem apolíticas ou para ficarem de fora da política, como se existisse uma terra mágica para onde fosse possível fugir, sem sofrer o peso da opressão e da violência. Seria ótimo, mas infelizmente não existe um lugar assim.

Em muitos países, empregos na área de design gráfico pagam pouco ou nem sequer estão disponíveis. Muitos designers têm como única alternativa trabalhar com publicidade, e nisso acabam numa posição esquisita, entre seus ideais e a necessidade de sobreviver. Quem se envolve com ativismo no design muitas vezes trabalha em estúdios comerciais durante o dia e cria memes e imagens ativistas à noite. Não se trata de um caso de esquizofrenia, como se o designer se dividisse entre uma personalidade política e outra apolítica, mas sim de uma tática de sobrevivência para manter a saúde física e mental. Não dá para separar o design da vida pessoal, da mesma maneira como não dá para separar o design da política.

Este livro tem o título de *Políticas do design*, mas não é sobre designers engajados com ativismo. Parar de usar imagens racistas ou machistas e parar de tratar o modernismo da Europa ocidental como uma linguagem visual neutra não é ativismo. São passos necessários rumo a uma prática mais responsável e a uma sociedade mais ética. Afinal, não se trata apenas do design que criamos, mas também das decisões a respeito do que comemos, do que dizemos, do que consumimos e de como tratamos nossos colegas humanos. É isso, na verdade, que molda a realidade política que habitamos.

Ruben Pater, Amsterdã, 2019.

engraçado pode, no mesmo dia, provocar protestos violentos em outra parte do mundo.

A comunicação foi e é um processo volátil, dado que é impossível evitar erros de interpretação. Na raiz dos mal-entendidos está a suposição de que qualquer pessoa nos compreende porque nos comunicamos de forma “universal” ou “objetiva”. Suposições de objetividade e universalidade no design estão intimamente ligadas aos princípios do design modernista ensinados no Ocidente. Este livro busca contestar isso.

Sou um autor privilegiado. Nasci na Holanda, um país no qual a cultura do design é financiada pelo Estado. Durante meus quinze anos atuando na área, trabalhei com publicidade, para governos, em instituições culturais e com ativismo político. Aprendi que há muitas formas de comunicação visual, e nenhuma delas é desprovida de ideologia.

Quando trabalhei em outros países, fiz muitas das suposições equivocadas que exponho aqui. Para evitar que outros cometam os mesmos erros, compartilho a análise de tais experiências.

Sou europeu, minha visão de mundo não é neutra. Foi por isto que pedi a ajuda de outras pessoas: para corrigir ao máximo meus pontos cegos e para que me fizessem as perguntas mais difíceis. Este não é um livro neutro; no melhor dos casos, oferece uma variedade de perspectivas sobre uma vasta gama de assuntos. Por isso, comentários de leitores e leitoras também são bem-vindos.

Este livro é organizado de acordo com os elementos formais do design gráfico: linguagem e tipografia, cor e contraste, imagem e fotografia, símbolos e ícones e infografismo. Os exemplos apresentados a seguir são apenas o começo. O espaço é limitado e desproporcional ao tamanho dos desafios enfrentados na comunicação visual.

Portanto, conto com sua ajuda. Se você tiver um exemplo que possa ser incluído neste livro, compartilhe suas ideias, textos ou imagens no site thepoliticsofdesign.com. Essa coleção é um arquivo on-line em constante crescimento, acessível a todos, com o

objetivo de ser um ponto de referência para designers e especialistas em comunicação e um lembrete das responsabilidades que enfrentamos hoje.

Ruben Pater, Amsterdã, 2017.

Os vários autores deste livro

Texto & design original

Ruben Pater

Jan Hoek
Jan Rothuizen
Jeongmeo Yoon

Assistente

Asja Keeman

Karl Grandin
Martijn Engelbregt
Michael Thorsby

Conselheiros

Amal Alhaag

Marjanne van Helvert

Yazan Al-Khalili

Oliver Chanarin
Ryan Hunter
Slavs and Tatars
Taige Jensen
Tyler Wgen

Editores

Bionda Dias

Rudolf van Wenzel

Yazan Al-Khalili
Yuri Veerman

Colaboradores

ASGA

Asja Keeman

Merel van der Woude

Michael Thorsby

Misla Libsekal

Pascal Zoghbi

Yin Aiwon

Yuri Veerman

Agradecimentos

A Parade

Anne Bush

Anne Miltenburg

Jan Albert Gratama

Marc Roig Blesa

Marjanne van Helvert

Peter Bilak

Rob Giampietro

Shahab Zehabchi

Vincent Meertens

Wim Staat

Artistas & designers

2017

Adam Broomberg

Adam Harvey

Bureau d'Etudes

Butterfly Works



LINGUAGEM E TIPOGRAFIA

Contos da grafia

Alfabetos e *abjads*

Pictogramas e ideogramas

Caracteres sem coração

Etiqueta política para celebridades

Acabou a guerra na África

Alfabetos africanos

Tipografia árabe-latina

Adaptações árabes para logotipos latinos

Codificação de caracteres da Guerra Fria

A história da grafia partida

Tipografia étnica

Decapitando a linguagem

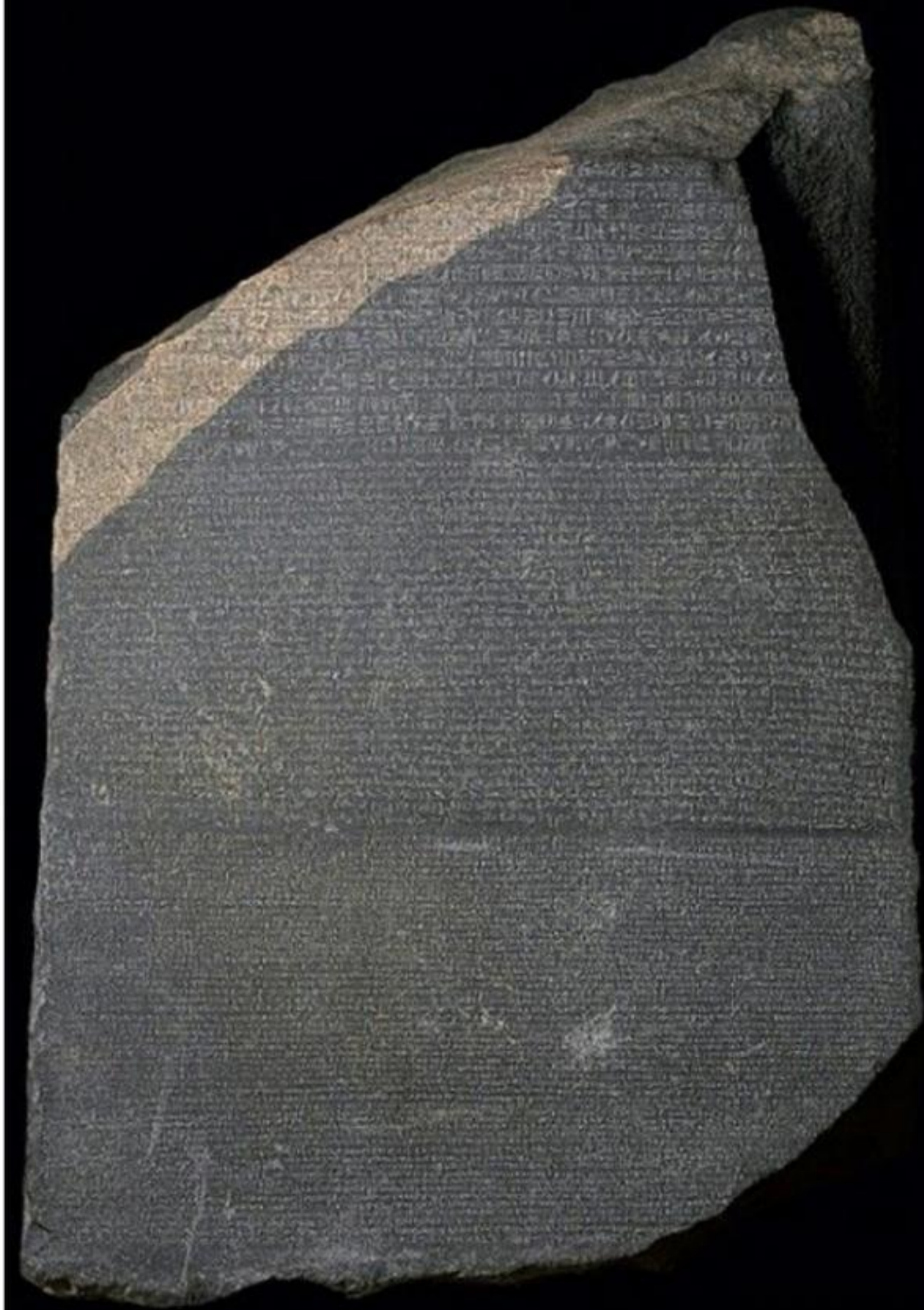
Homens modernistas

Falando grego até que alguém entenda

Por favor, não me leia

Tradução fracassada

Contos da grafia



A Pedra de Roseta, 196 a.C. Granodiorito. Imagem: British Museum.

Cerca de 7 mil línguas são faladas no mundo hoje,¹ e se comunicar em várias línguas é cada vez mais comum. Na tipografia, o uso de diversas linguagens requer, de vez em quando, lidar com grafias diferentes. Aprender como elas funcionam pode nos oferecer um vislumbre de como a escrita se desenvolveu.

Em 1799, o soldado francês Pierre-François Bouchard encontrou um pedaço de granodiorito que mudou o estudo das línguas antigas. Conhecida hoje como Pedra de Roseta, ela traz o mesmo texto em três grafias diferentes: hieróglifos egípcio, demótico e grego. Essa descoberta possibilitou que vinte anos depois se decifrassem os hieróglifos.

A Pedra de Roseta é um dos artefatos multilíngues mais conhecidos e mostra que as sociedades sempre foram políglotas. No Egito, em 196 a.C., os hieróglifos eram a grafia usada nos monumentos, o demótico era a grafia “comum” e o grego era usado pelo governo. A Pedra foi criada com o intuito de informar todas as camadas da sociedade letrada.

Confusão babilônica

A quantidade de grafias usada hoje em dia é pequena comparada com a variedade do passado. Entender como elas se desenvolveram e como são diferentes entre si é essencial para a compreensão de como funciona a tipografia contemporânea.

As primeiras línguas escritas surgiram por volta de 3200 a.C. no Egito, no Iraque e na Índia. Na África, a escrita Ge'ez – base para a grafia etíope – foi elaborada por volta de 2000 a.C. O sistema de escrita chinês remonta pelo menos a 1200 a.C. No México, as primeiras escritas mesoamericanas são de 600 a.C. Muitos símbolos e sinais anteriores ainda não foram decifrados, e provavelmente a invenção da escrita é muito mais antiga.

As primeiras línguas escritas não usavam alfabetos, mas símbolos gráficos, cada um representando uma figura ou uma ideia. Essas línguas “logográficas”, como os hieróglifos egípcios, são a base de toda a escrita. À medida que as sociedades se

tornaram mais complexas, essa grafia deixou de ser prática, pois era necessária uma quantidade imensa de símbolos. O som das palavras e dos símbolos foi acrescentado à linguagem, além de seu significado literal. Ao usar o rébus, mais palavras podiam ser criadas valendo-se de uma combinação de símbolos. A escrita se tornou mais fonética, símbolos foram criados para representar sílabas e, com o tempo, eles passaram a representar sons individuais da fala. Assim surgiram os primeiros alfabetos.

A diferença entre um sistema de escrita e uma grafia

Uma grafia é um estilo particular de caracteres, como chinês, cirílico ou latim. Dentro de cada uma há diferentes sistemas de escrita. Na latina estão os sistemas francês, eslovaco etc. Na árabe, os sistemas do urdu, pachto, persa, entre vários outros.

Uma direção

Não existe uma resposta simples que explique por que algumas línguas são escritas da direita para a esquerda e outras da esquerda para a direita. Hieróglifos egípcios eram bidirecionais, ou seja, podiam ser escritos em ambas as direções, e alguns caracteres eram usados para anunciar o ponto de partida da leitura. O alfabeto fenício foi escrito da direita para a esquerda, e o aramaico herdou essa tradição.

O árabe e o hebreu são escritos da direita para a esquerda, e o motivo para isso é que seu predecessor, o aramaico, era inscrito em pedra com martelo e cinzel. Uma pessoa destra começaria trabalhando da direita para a esquerda, com o cinzel na mão esquerda e o martelo na outra.² Os gregos usavam tábuas de argila e, para não borrar as palavras, preferiram fazer a inscrição da esquerda para a direita.³ Latim, cóptico e cirílico, sucessores do alfabeto grego, eram escritos da esquerda para a direita.

Trocando grafias

A transliteração é a escrita de palavras em uma grafia diferente. Em países que usam vários sistemas de escrita, ela é uma tarefa onerosa. Placas de rua, documentos oficiais e livros precisam ser transliterados. A União Europeia conta com cerca de 23 línguas oficiais e gasta 330 milhões de euros por ano só em tradução.

No Azerbaijão, a política influenciou de forma dramática a língua. O alfabeto azerbaijano, ou azeri, mudou de grafia quatro vezes na história. A conquista islâmica em 667 introduziu o alfabeto árabe na unificação do califado. Em 1917, a breve República Democrática do Azerbaijão adotou a grafia latina até que o governo soviético assumiu o poder em 1920. O alfabeto cirílico foi introduzido em 1939, uma transição tão repentina que os caracteres precisaram ser mudados várias vezes. Depois do colapso da União Soviética, houve um debate para decidir se deveriam reinstaurar o alfabeto árabe ou o latino. O Irã, um dos países vizinhos, começou a promover a escrita perso-árabe, e a Turquia, por sua vez, incentivou o uso da grafia latino-turca. Em 1990, a influência turca prevaleceu, e foi escolhido o alfabeto latino,⁴ embora tenham sido acrescentados três caracteres específicos da língua azeri que não constam no alfabeto latino-turco: o *ə*, o *x* e o *q*.

FOOL ME ONCE,

SHAME ON ARABIC.

FOOL ME TWICE,

SHAME ON CYRILLIC.

FOOL ME THRICE,

SHAME ON LATIN:

AaaaaahhhZERI!!!

Slavs and Tatars. *AaaaaahhhZERI!!!*, 2009. Serigrafia, 85 × 70 cm. Slavs and Tatars é um coletivo de artistas que atua na área entre o antigo Muro de Berlim e a Grande Muralha da China.

PROTOS-SINAÍTICO	FENÍCIO	HEBRAICO	ÁRABE	GREGO ANTIGO	LATIM
 bui					A
 casa					B
 graveto					C
 mão					K
 água					M
 cobra					N
 olho					O
 cabeça					R
 dente					S
 marca					T

Evolução dos alfabetos. Imagem Ruben Pater.

Alfabetos e *abjads*

O alfabeto latino é a grafia mais usada no mundo hoje em dia. Trata-se de uma adaptação do primeiro alfabeto grego, de 800 a.C. As letras do alfabeto latino podem ser rastreadas até os antigos hieróglifos egípcios, como se pode ver na evolução dos alfabetos à esquerda. O primeiro alfabeto verdadeiro, que foi desenvolvido na Grécia, derivou da escrita egípcia. “Alfabeto verdadeiro” é a expressão que designa os alfabetos nos quais consoantes e vogais são tratadas como letras iguais. Nem todos os alfabetos são assim. O fenício, o hebraico e o árabe usam principalmente consoantes, a maioria das vogais é apenas falada, e não escrita, ou se acrescentam marcas para registrá-las. Esse tipo de alfabeto é chamado de *abjad*, por causa das primeiras letras do alfabeto árabe. *Abjads*, como o árabe e o hebraico, contêm apenas algumas vogais, como a letra *a*, que descende diretamente do hieróglifo egípcio para “boi”, mas em geral as vogais são ditas, e não escritas.

Caracteres e letras

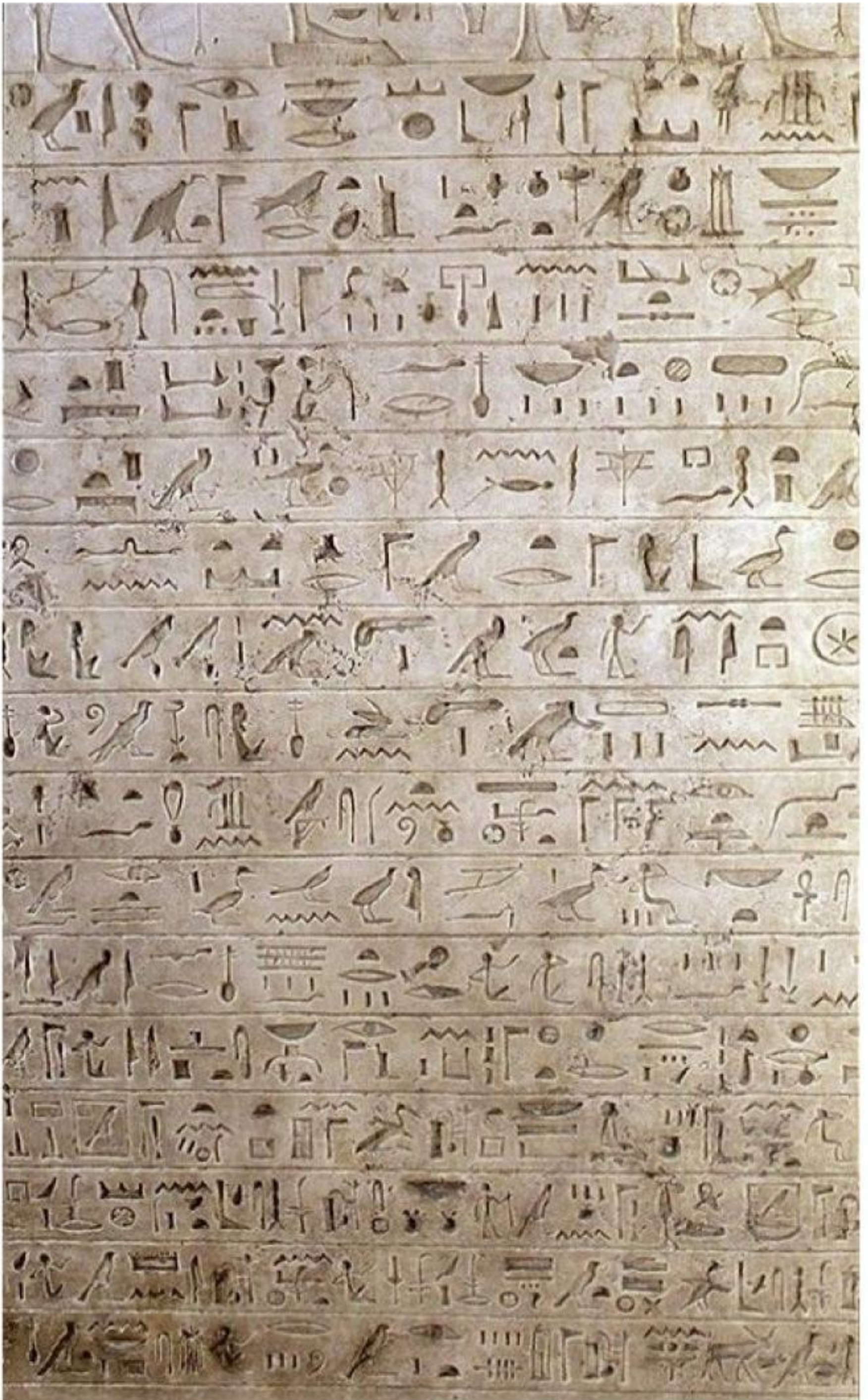
Alfabetos e *abjads* têm a vantagem de utilizarem uma pequena quantidade de letras, em geral um conjunto que varia entre vinte e 35, enquanto as logografias podem ter centenas ou até milhares de caracteres. *Abjads* têm menos vogais do que os alfabetos verdadeiros, mas isso não os torna menores. O alfabeto árabe básico tem 28 letras, duas a mais que o alfabeto latino no inglês. Cada alfabeto evoluiu para se adequar a necessidades linguísticas, com suas letras únicas e diacríticos (acentos). Os alfabetos cirílicos tendem a conter mais letras porque adicionam letras em vez de usar diacríticos. Os alfabetos cabardiano e abecázio, do Cáucaso, são os maiores do mundo, com 58 e 56 letras, respectivamente.

Exemplos deste capítulo usam a grafia árabe e a chinesa para mostrar como diferentes grafias podem influenciar decisões de design e a comunicação visual em geral.



Emoji da Apple. Desenvolvido pela Apple, baseado em emoticons

japoneses. Apple Computer.



Hieróglifos egípcios no Louvre. Foto: Echelon Force.

Pictogramas e ideogramas

O chinês, a língua com mais falantes no mundo, utiliza uma grafia logográfica, diferente dos alfabetos e dos *abjads*, em que cada símbolo significa um som, e não uma palavra. No entanto, costuma-se supor algo errado: que todos os caracteres chineses são pictogramas, assim como os hieróglifos e os emojis. Os caracteres chineses são usados tanto pelo significado pictográfico quanto pela pronúncia fonética.

Pictogramas

Um pictograma é uma imagem icônica da palavra que representa, como a cabeça de boi nos hieróglifos egípcios significa “boi”. No chinês, os caracteres mais antigos e básicos são pictogramas chamados *hanzi*, muito usados no japonês, língua em que são conhecidos como *kanji*.

人 humano

大 grande

日 sol

刀 faca

山 montanha

木 árvore/madeira

Os pictogramas básicos podem ser combinados para formar novos símbolos, chamados de agregados. Por exemplo, o símbolo da árvore (木) pode ser usado para criar os símbolos indicativos de floresta grande ou pequena.

木 árvore 林 floresta pequena 森 floresta grande

Pictogramas chineses possuem uma longa história. Antes do século xv, o chinês era a língua da classe letrada em toda a região, e é por isso que pictogramas chineses ainda são usados no Japão. Os pictogramas permitem que uma pessoa que sabe ler em japonês

consiga entender um pouco do texto chinês, embora sem necessariamente saber pronunciá-lo.

Ideogramas

Ideogramas são símbolos que representam uma ideia. Os caracteres chineses que representam “cima” e “baixo” e “um”, “dois” e “três” são exemplos disso. De todos os caracteres chineses, 4% são pictogramas, 13% são agregados e 1% são ideogramas; todos os outros são complexos fonéticos.

上 cima 下 baixo

一 二 三 um, dois, três

Fonética complexa

Os caracteres chineses podem ser usados de duas maneiras: pelo som e pelo significado logográfico. Não saber o significado que se pretendia transmitir pode ser pouco prático, então caracteres fonéticos e logográficos são mesclados para criar complexos. Estes compõem 82% dos caracteres chineses. O exemplo a seguir mostra como o pictograma para chuva (雨) pode ser combinado com a fonética de outros caracteres para produzir complexos fonéticos.

雨 chuva + 云 (yun) = 雲 nuvem (yun)

雨 chuva + 辰 (chen) = 震 sacudir (zhen)

雨 chuva + 相 (xiang) = 霜 gelo (shuang)

Bidirecional

O japonês e o chinês tradicional podem ser lidos e escritos em várias direções. Como os caracteres são compostos de unidades quadradas desconectadas, é mais fácil de se fazer a composição tipográfica em múltiplas direções. O chinês simplificado de hoje

em dia e o coreano são escritos horizontalmente da esquerda para a direita, como na grafia latina. O chinês tradicional e o japonês podem ser escritos em ambas as direções, dependendo do contexto. A composição tipográfica dessas duas línguas na direção vertical exige um *software* especial, pois a ordem dos caracteres, se usada verticalmente, pode ser diferente.⁵

A tradução de nomes de marcas para o chinês é feita foneticamente, o que gera novos significados. Em 1928, a Coca-Cola foi traduzida para 驢馬口蠟, o que pode ser lido como “morder o girino de cera” ou “égua recheada de cera”.⁶ Vendas decepcionantes levaram à busca de novas traduções. Foram pesquisadas duzentas combinações que permitiam pronunciar o nome com um significado um pouco mais apropriado. Acabaram bolando “alegria na boca” (可口可樂).



*Égua Recheada
de Cera*



amor (tradicional)



amor (simplificado)

Caracteres sem coração

Pesquisa de Yin Aiwen

Uma guerra cultural entre o chinês tradicional e o simplificado está em curso. Taiwan, Hong Kong e partes da diáspora chinesa usam caracteres tradicionais, enquanto o chinês simplificado é utilizado na China continental e em Cingapura.

O chinês tradicional tem uma longa história, mas foi institucionalizado durante a dinastia Qin, no século III a.C. Esses caracteres elaborados só podiam ser lidos e escritos pela elite, e alguns caracteres tradicionais exigiam até dezoito pinceladas para serem desenhados.

Os caracteres foram simplificados por motivos práticos no uso cotidiano, mas se tornaram oficiais somente depois da Revolução Cultural de Mao, em 1956. O regime comunista queria padronizar a língua ao introduzir o chinês simplificado em todo o país, o que fortaleceria a economia e ajudaria a aumentar os índices de alfabetização.

A primeira versão da simplificação foi feita de forma apressada e tinha inconsistências nas substituições de símbolos, tornando-a passível de erros. Ao longo das décadas, novas modificações de caracteres foram necessárias para corrigir as incongruências. Taiwan e Hong Kong mantiveram os caracteres tradicionais. Argumentavam que a estética “autêntica” da escrita chinesa se perdia no processo de simplificação.

Defensores do chinês tradicional afirmam que as pessoas que escrevem com caracteres simplificados “não têm coração”, pois o caractere tradicional de amor (愛) contém o símbolo do coração (心) e, ao passar pelo processo de simplificação, (爱) o coração foi substituído por “amigo” (友). Como contra-argumento, os defensores do chinês simplificado afirmam que quem usa o chinês tradicional “não tem amigos”.⁷

Foi assim que a estética da língua exerceu um papel importante nas tensões culturais entre os países que falam chinês.

Etiqueta política para celebridades, com Taylor Swift

Sempre em público e observadas por todo mundo, as celebridades podem ter uma vida exigente. Nada mais natural, portanto, que elas nem sempre estejam cientes do contexto político no qual se encontram e acabem cometendo gafes.

Em julho de 2015, Taylor Swift anunciou seu novo disco e turnê mundial intitulados *T.S. 1989*. Uma campanha de marketing e uma loja virtual foram lançadas com um logo pintado com spray. O jornalista Fergus Ryan foi o primeiro a mencionar que *T.S. 1989* também poderia ser interpretado como Tiananmen Square, 1989, o ano dos protestos de estudantes em Beijing e o massacre que ocorreu ali. Todas as menções a esse evento são fortemente censuradas pela mídia chinesa. Quando a turnê de Swift chegou à China, foi preciso abandonar o título *T.S. 1989*, e os produtos da loja virtual com o logo *T.S. 1989* ficaram indisponíveis para usuários chineses.



@taylorswift13 vai vender camisetas com “1989” na China.

#esquisito #tiananmen – @fryan, 22 de julho de 2015

Casaco com capuz da loja virtual de Taylor Swift:

www.taylorswiftstore.co.uk © Taylor Swift 2015.



Katy Perry em show em Taipei, 2015. Foto: LuXChiara.

Participação especial: Katy Perry

A performance de 2015 de Katy Perry em Taiwan surpreendeu tanto os fãs dela quanto a mídia. Ela vestia uma roupa de girassóis, com a bandeira taiwanesa da “República da China”. Perry trajou essa roupa em todos os países da sua turnê mundial, então provavelmente não estava ciente da relação muito sensível entre a China e Taiwan, e o protesto estudantil taiwanês de girassóis contra as políticas comerciais da China em 2014.

Os fãs taiwaneses elogiaram o apoio que ela oferecia ao movimento, mas na China a resposta foi menos entusiástica. Imagens da performance dela foram apagadas de todas as redes sociais chinesas no dia seguinte.

@KatyPerry vestiu nossa bandeira nacional durante seu discurso hoje à noite. #PrismaticWorldTour #PrismaticTaipei
– @theauragirl, 28 de abril de 2015.

– e Cameron Diaz

Uma bolsa com o *slogan* pessoal de Mao gerou controvérsia durante a visita de Cameron Diaz ao Peru em 2007. As pessoas ficaram muito ofendidas. Ela pediu desculpas quando soube que o conflito nas décadas de 1980 e 1990 com os Senderos Luminosos maoistas tinha causado a morte de 69 mil pessoas.

ጠርጉ፣
ከጠፍ፣

ከፈገፍ፣

መልካም፣ገና፣ከዮሐንስ፣እና፣ዮኮ፣

www.IMAGINEPEACE.com

“A guerra acabou, se você quiser”, em amáríca. Missla Libsekal e Michael Thorsby, 2010.

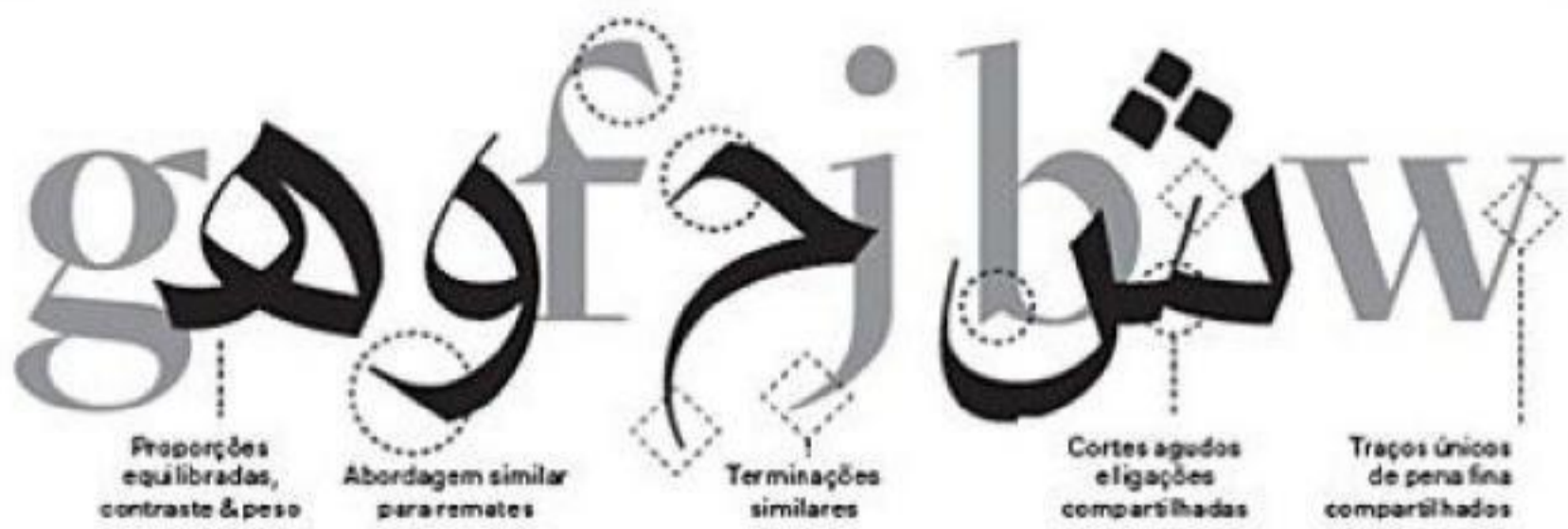
*image
not
available*



Foto de Missla Libsekal e Michael Thorsby, 2010.

*image
not
available*

*image
not
available*



29LT Zeyn

زَيْنٌ

Abdel Wahab Al Bayati عبد الوهاب البياتي

وطني

Bold

المنفى

Medium

منفائي

Regular

الكلمات

Light

Minha nação
é o exílio.

Meu exílio
são minhas
palavras.

فلكم

في بني البشر شرٌّ ضروريٌّ يمدحٌ ويمزح
لم يكن لي في البحر شيءٌ إلا السرُّ

Variedade extensa de ligaturas e conjuntos estilísticos.

*image
not
available*

Adaptações árabes para logotipos latinos

Com Pascal Zoghbi

A demanda por logotipos árabes está aumentando. Os governos da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes adotam uma política bilíngue que exige que toda marca internacional apareça tanto no alfabeto latino como no árabe. No entanto, as adaptações árabes são feitas muitas vezes de forma apressada ou incorreta.

Um breve guia

Primeiro, os designers precisam saber que o árabe tem uma origem diferente da do alfabeto latino. As letras são baseadas na caligrafia, e não construídas, como as maiúsculas romanas. As variações de estilo latinos como serifado, sem serifa, humanista ou manuscrita não se aplicam. O árabe tem estilos caligráficos como Kufi, Naskh, Thuluth e Diwani. Todos eles se relacionam a contextos religiosos, culturais e históricos que devem ser levados em conta nas decisões de projeto.

Não crie uma adaptação árabe de um logo latino recortando letras latinas e criando letras árabes e desprezando as pinceladas ou a proporcionalidade das letras. Se a fonte construída não se baseou na grafia árabe, ficará parecendo um “Frankenstein árabe”, e os caracteres podem ser de difícil leitura ou até mesmo mal interpretados por se parecerem com outros caracteres.

Comece analisando os aspectos tipográficos da tipografia latina e escolha a grafia árabe que seja “adequada” à latina. Por exemplo, fontes geométricas sem serifas funcionam com Kufi, humanistas sem serifas, com Naskh, e serifadas funcionam melhor com Naskh, Thuluth e Diwani. Não existe apenas um “árabe”, mas muitas línguas e dialetos que usam versões da escrita árabe. Por fim, como

*image
not
available*

Codificação de caracteres da Guerra Fria

Agradecimentos a Pedro Oliveira

As línguas que falamos e escrevemos não estão necessariamente disponíveis para a comunicação digital. Os primeiros computadores e os serviços de e-mail tinham memória muito limitada e só permitiam uma coleção pequena de caracteres. Os primeiros computadores se comunicavam com ASCII, abreviação de American Standard Code for Information Exchange [Código Americano Padrão para Troca de Informações]. Era limitado a 128 caracteres, o que incluía o alfabeto inglês, funções básicas e símbolos matemáticos. Não dispunha de francês, alemão, português, o que dirá de outros sistemas ou formas de escrita. O padrão ASCII é um dos motivos pelos quais o sistema de escrita em inglês se tornou a língua padrão dos computadores e da internet.

*image
not
available*

Fraktur

Schwabacher Gotisch

Griechisch

Cyrillisch

(= Russisch und Bulgarisch)

Türkisch (= Arabisch)

Chinesisch (= Japanisch)

Indisch

Schriften der Exoten

(Zulukaffern, Papuas usw.)

= NATIONALISMUS

Imagem de Jan Tschichold. *The New Typography*. Berkeley: University of California Press, 1998. pp. 74–75.

*image
not
available*

Friedrich Heinrichsen. Type Specimen Gotenburg Stempel, 1935.

Jan Tschichold criticou o nacionalismo da letra gótica no livro *Die neue Typographie* [A nova tipografia], em 1928: “O caráter enfaticamente nacional e exclusivista da fratura – mas também das fontes nacionais equivalentes de outros povos, como os russos ou os chineses –, contradiz as conexões transnacionais entre os povos de hoje, forçando sua inevitável eliminação. Manter essas tipografias é retrógrado”.¹⁹

Hitler não gostava da letra gótica

Quando chegaram ao poder em 1933, os nazistas afirmaram que a letra gótica era parte da tradição cultural alemã e a tornaram a fonte oficial. Os designers da Nova Tipografia e da Bauhaus foram rotulados de “degenerados” e muitos designers foram presos ou fugiram do país.

No entanto, aparentemente, Hitler não gostava tanto da letra gótica. “Hitler gostava da Futura”, escreveu Judith Schalansky. O cartaz que usou na eleição de 1932 trazia uma fonte sem serifa similar à Futura. O cartaz das Olimpíadas de 1936 foi composto com um híbrido sem serifa/serifado. O designer da Futura, o alemão Paul Renner, foi preso em 1933 após criticar a política cultural dos nazistas.²⁰

Oito anos depois, o governo nazista abandonou a letra gótica. Ela se revelou pouco prática pois as pessoas nos países ocupados tinham dificuldade para lê-la. O argumento oficial era que a letra gótica tinha “origem judaica”: “Considerar a chamada letra gótica uma fonte alemã é um equívoco. Na verdade, a tipografia gótica é composta de letras judaicas de Schwabach... A fonte Antiqua deve ser adotada como tipografia geral no futuro”, de acordo com um decreto do NSDAP de 1941.²¹

Futuro da fratura

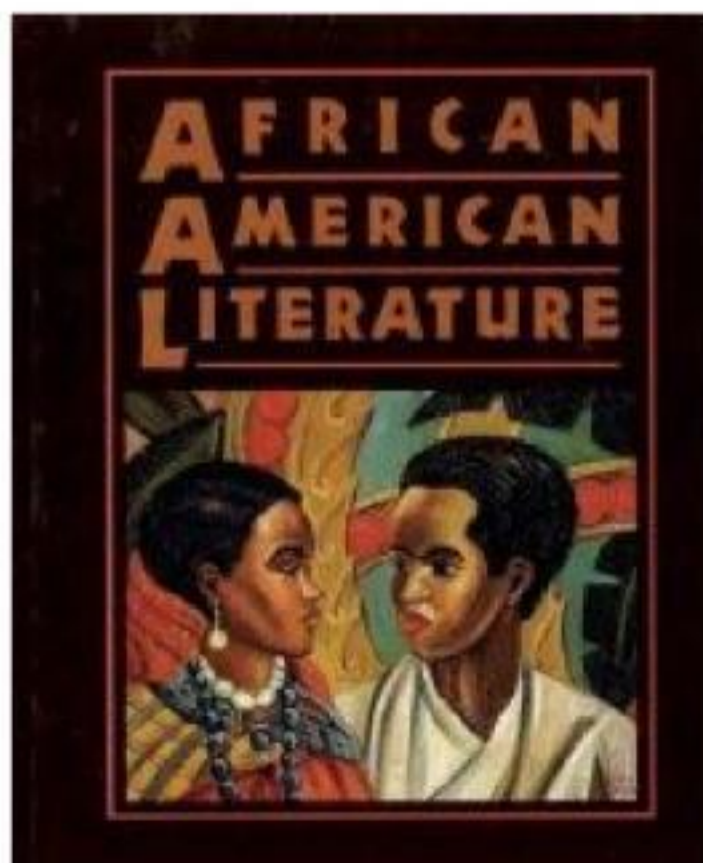
Depois da Segunda Guerra Mundial, o uso de letra gótica na

*image
not
available*

Em 2002, a marca de roupas Abercrombie & Fitch elaborou uma linha de camisetas com fontes “chop suey” representando caricaturas asiáticas com textos como “Two Wongs Can Make it White” [Dois chinas conseguem deixar branco]. Uma das respostas veio de Lela Lee, cartunista de Los Angeles: “As camisetas apresentam estereótipos de mais de um século atrás de asiáticos como ‘servos dentuços de olhos puxados que lutam kung-fu e falam frases de biscoitos da sorte’”. A chuva de reclamações recebidas forçou a loja a tirar as camisetas do mercado.²⁷



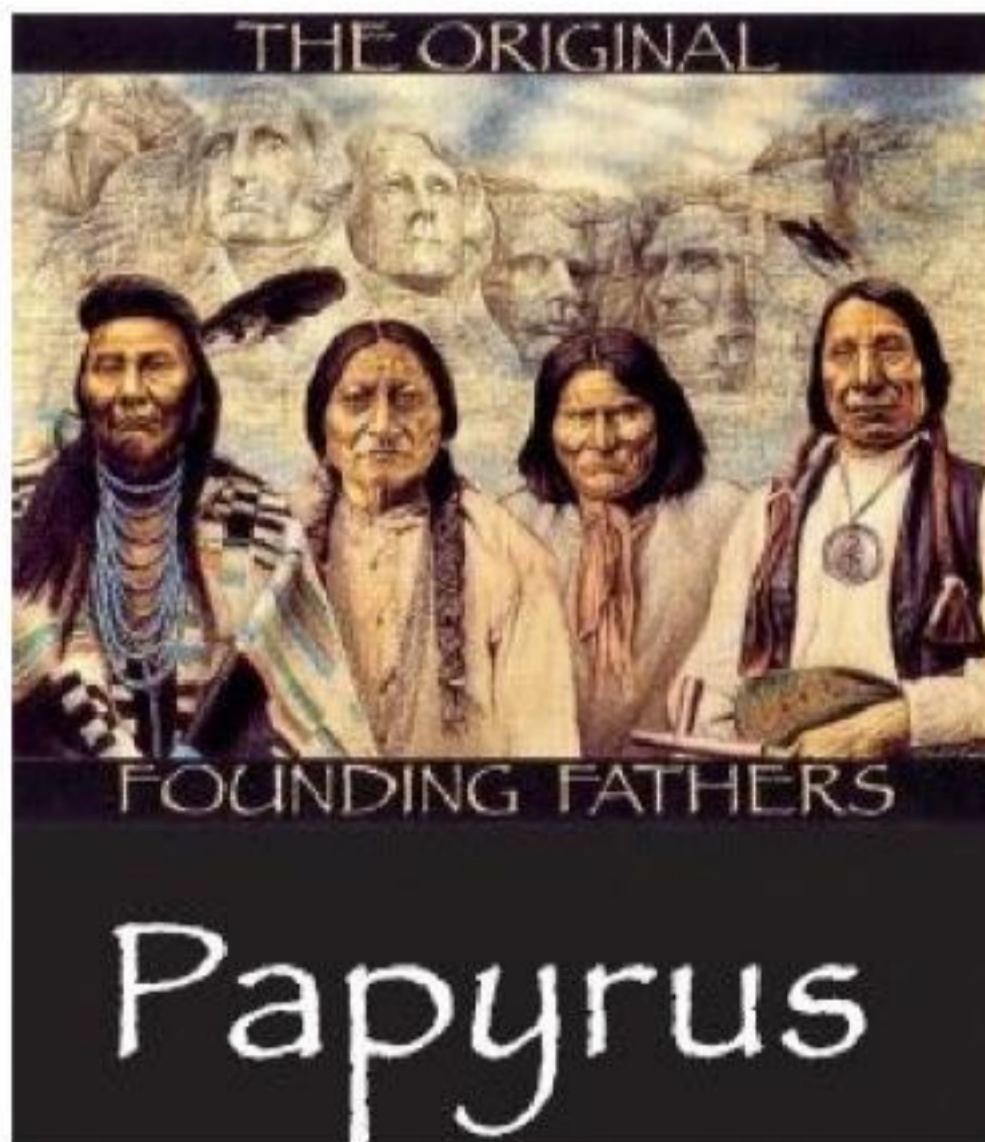
Embalagem de American Spirit, Natural American Spirit © Santa Fe Natural Tobacco.



*image
not
available*



Cartaz do filme *Avatar* © 20th Century Fox, 2009.



The Original Founding Fathers. Imagem extraída de www.papyruswatch.com.

*image
not
available*

exemplos mais proeminentes é bell hooks, autora, ativista e feminista americana que escolheu adotar o nome da avó escrito apenas em minúsculas. Ao romper com a convenção patriarcal da linguagem, ela afirmou que é a “substância de seus livros, e não quem eu sou”³⁹ que deve ser enfatizada.

Nem todos os ideais da Nova Tipografia viraram realidade. Ainda usamos maiúsculas e não há indício de que nos livraremos delas tão cedo. No entanto, a herança cultural dos dois alfabetos permanece visível em todos os lugares. Como escreve Robert Bringhurst, “Antigamente, eram os agentes de reis e de divindades a exigir que os nomes deles fossem escritos em tamanhos maiores ou compostos com tipos especialmente ornamentados; hoje em dia, são as empresas e os produtos de massa que demandam uma ajuda extra das maiúsculas ou então uma fonte privativa, enquanto há certos poetas que pedem, ao contrário, para ser deixados integralmente aos cuidados da caixa-baixa vernacular”.⁴⁰

*image
not
available*

Jr. e Robert Kennedy foram assassinados; e Detroit estava fumegante por causa dos protestos que ocorriam uma quadra abaixo do nosso escritório. E, no entanto, quase não se falava desses assuntos. Éramos incentivados a usar jalecos brancos de laboratório, talvez para que o ambiente externo caótico não contaminasse nosso distanciamento cirurgicamente limpo”.⁴³



*image
not
available*

Os gloriosos dias do design vistos na série *Mad Men*, vividos por ícones como Wim Crouwel, Paul Rand e Massimo Vignelli, ganharam proporções míticas para as novas gerações. Em 2014, dois designers arrecadaram dinheiro para reimprimir uma edição limitada do manual de identidade original desenvolvido pela Unimark para o metrô de Nova York em 1970. Ele contém 352 páginas de medidas, números e instruções impressas com nove Pantone® diferentes,⁴⁶ e esgotou imediatamente, mas ainda é possível recomprar exemplares por valores entre 350 e 950 dólares. Um manual técnico que foi desenvolvido para instruir trabalhadores pouco hábeis a implementar regras do design se tornou um objeto de fetiche do design nos dias de hoje.

*image
not
available*

Por favor, não me leia

Este texto tem 20 663 palavras e demora uma hora e dezesseis minutos para ser lido. São termos e condições do iTunes. Alguns textos legais semelhantes atingem até 30 mil palavras – o tamanho de um romance breve. 73% das pessoas não conseguem ler letras miúdas e, das que leem, apenas 17% compreendem o que está escrito.⁴⁷ É uma informação feita para ser ilegível, usando uma fonte pequena e densa com uma linguagem enigmática e incompreensível.

*image
not
available*



PUNHETEIRO

Logo da Mitsubishi © Mitsubishi.

O Mitsubishi Pajero foi lançado em 1982 e é vendido até hoje. Seu nome é uma gíria que significa “masturbador” ou “punheteiro” em espanhol. Quando a empresa descobriu, o nome foi mudado para Montero na Espanha, na Índia e nas Américas. Em outros países, ainda usam o nome original.

*image
not
available*

COR E CONTRASTE

As cores estão nos olhos de quem vê
Sistema de cores
O preço da cor
Psicologia das cores
Cor e cultura
Cores nacionais
Cor e gênero
A história das cores em preto e branco
Colorir ou não colorir
Shirley e as “china girls”
O rosto da tecnologia da imagem

*image
not
available*

três receptores de cores, enquanto alguns animais possuem quatro ou até seis e são capazes de ver cores que os humanos não enxergam. Alguns animais, como as abelhas, possuem um receptor adicional sensível à luz ultravioleta.

*image
not
available*



Calígula (37–41 d.c.), mármore, altura: 28 cm, Ny Carlsberg Glyptotek, Copenhague, Dinamarca. n. inv. IN 2687.

Por vários séculos, os padrões de beleza foram as esculturas da Grécia antiga de mármore claro e bronze. Só que a quintessência da estética na escultura ocidental foi baseada num equívoco.

*image
not
available*

misturado com goma-arábica. Já a folha dourada era obtida martelando-se um pedaço de ouro até obter uma camada muito fina, de menos de meio milímetro. Ultramarino era uma das cores mais caras e desejadas. Esse pigmento de azul intenso era criado a partir de uma pedra dura de lápis-lazúli, que na época só podia ser minerada na região que hoje é o Afeganistão. Possuir pinturas com essas cores era um sinal de grande riqueza.

No México pré-colombiano, os astecas e os maias produziram uma tinta vermelha muito especial chamada *cochinilla*, nome que identificava também os insetos do cacto nopal de onde vinha o pigmento, depois de passar por um longo processo. Os astecas e os maias a usavam para pintar seus templos de um vermelho intenso. Após a invasão dos espanhóis, o pigmento passou a ser exportado para a Europa e, em pouco tempo, virou o segundo produto mais valioso da colônia mexicana, abaixo apenas da prata. Ao final do século XIX, a invenção das tintas sintéticas reduziu de forma significativa o custo dos pigmentos. Mas a cochonilha continua sendo usada como corante natural para cosméticos e alimentos.

Embora não sejam tão atraentes quanto o ouro e o ultramarino, algumas cores são mais caras que outras. Tintas fluorescentes ou que brilham no escuro exigem uma pigmentação maior. As douradas e as prateadas contêm partículas metálicas, o que as deixa mais opacas do que as outras tintas de impressão. As mais vivas continuam sendo as mais caras.

*image
not
available*

1954, todos os sinais de “pare” foram pintados com tinta refletiva vermelha.



*image
not
available*

Vermelho

na mitologia grega, era a cor do planeta Marte e do deus da guerra. Vermelho é a cor mais importante na China, onde significa boa sorte e felicidade. A cor simboliza vida longa e é usada nas celebrações do ano-novo chinês. No Japão, um quimono vermelho também simboliza felicidade e boa sorte. Na religião xintoísta japonesa, é o símbolo da vida. Vermelho é a cor tradicional para as noivas na Índia e no Nepal. A palavra russa para a cor tem a mesma raiz que a palavra “belo”. O símbolo mais antigo do socialismo é a bandeira vermelha, e a cor é associada a partidos socialistas e comunistas por todo o mundo até hoje. Camisas vermelhas, ou movimento vermelho, era o nome daqueles que se opunham ao golpe militar de 2006 na Tailândia.

Verde

é a cor da natureza em muitas culturas. Rituais antigos giravam em torno da esperança de uma boa colheita com vegetais verdes. É a cor tradicional do islã, a cor do profeta Maomé; por isso, tantas bandeiras no mundo islâmico são verdes. Desde a década de 1980, tornou-se a cor dos partidos e das organizações ambientalistas. Partidos verdes na Europa têm pautas baseadas na ecologia e no meio ambiente. A palavra *greenwashing* é usada para descrever a propaganda de empresas que usam práticas ambientais positivas para encobrir atividades prejudiciais ao meio ambiente. Um “quarto verde” é usado na televisão e no teatro para acalmar atores nervosos.

Azul

foi testado como a cor preferida em muitas culturas¹² e por isso se tornou a cor predominante nos negócios internacionais. As Nações Unidas o escolheram em 1946, mesmo sem nenhuma justificativa especial. *Bluwashing* é um termo usado para indicar empresas que entram na “Iniciativa de Impacto Global” da ONU apenas por

*image
not
available*

vezes, cada uma com uma tonalidade diferente de verde. Depois de uma guerra de seis anos em busca da tonalidade correta, ou o “verde Qaddafi”, uma décima quinta revisão foi feita, marcando a queda do regime líbio e da última bandeira monocromática, em 2011.

*image
not
available*

SEGURANÇA DO AEROPORTO



Imagem: i.imgur.com. Meme baseado no desenho *Family Guy*. Criado por Seth McFarlane, 20th Century Fox Television.

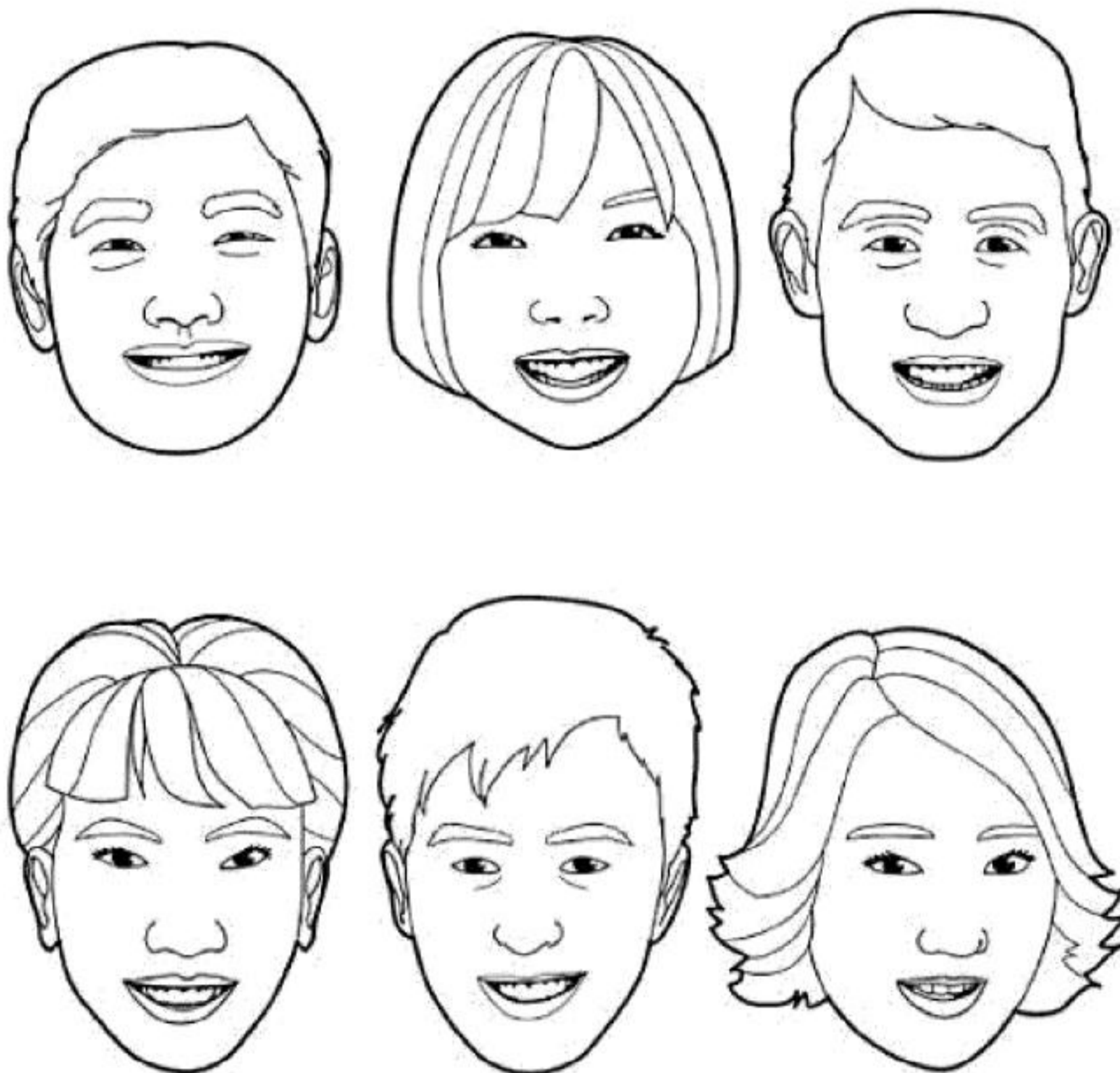
*image
not
available*



*image
not
available*

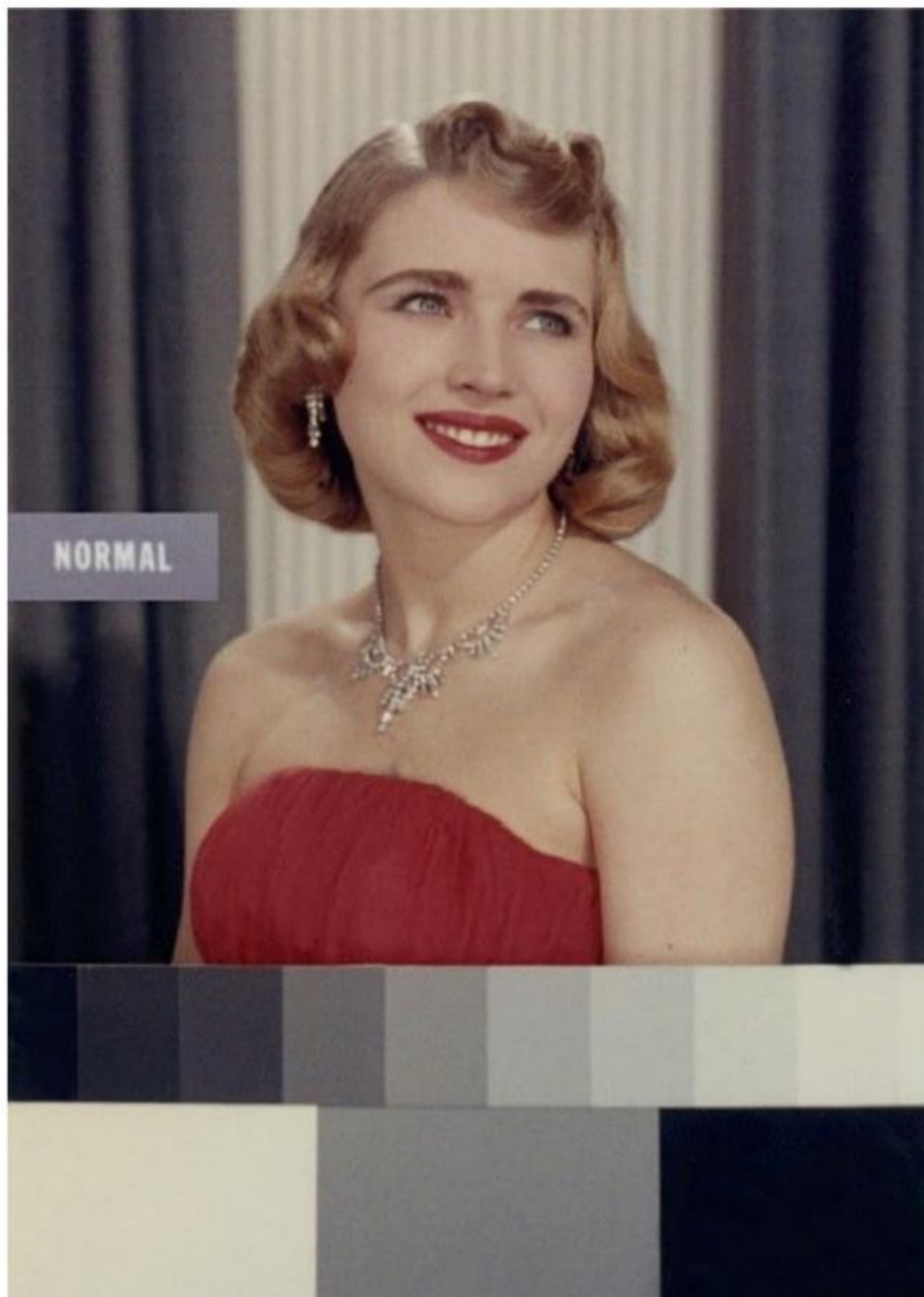
eles “preparam você para a dura realidade da vida adulta, uma vez que os livros de atividades na sua juventude irresponsavelmente não o fizeram. Mostrar que, num mundo que é tantas vezes preto e branco ou vermelho e azul, muitas vezes basta acrescentar algumas cores à sua paleta”.²²

CELEBRE O ANO-NOVO CHINÊS COLORINDO A PESSOA CHINESA



*image
not
available*

Por volta da década de 1980, os filmes Kodak foram configurados para retratar tons mais escuros de maneira mais adequada. Não por causa de denúncias de racismo, e sim porque os clientes reclamaram que chocolate e cavalos negros apareciam escuros demais em suas fotos.²⁶



*image
not
available*

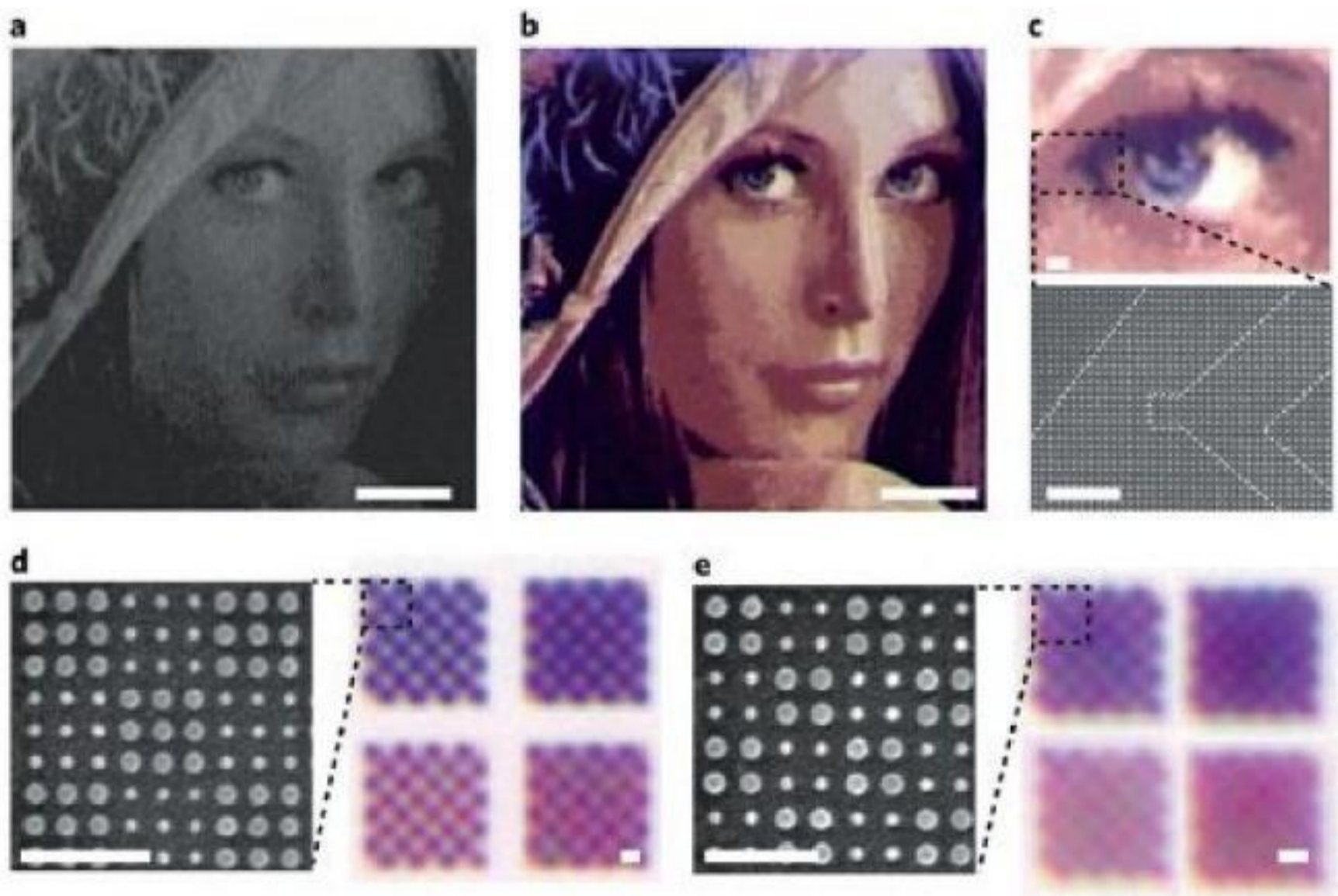


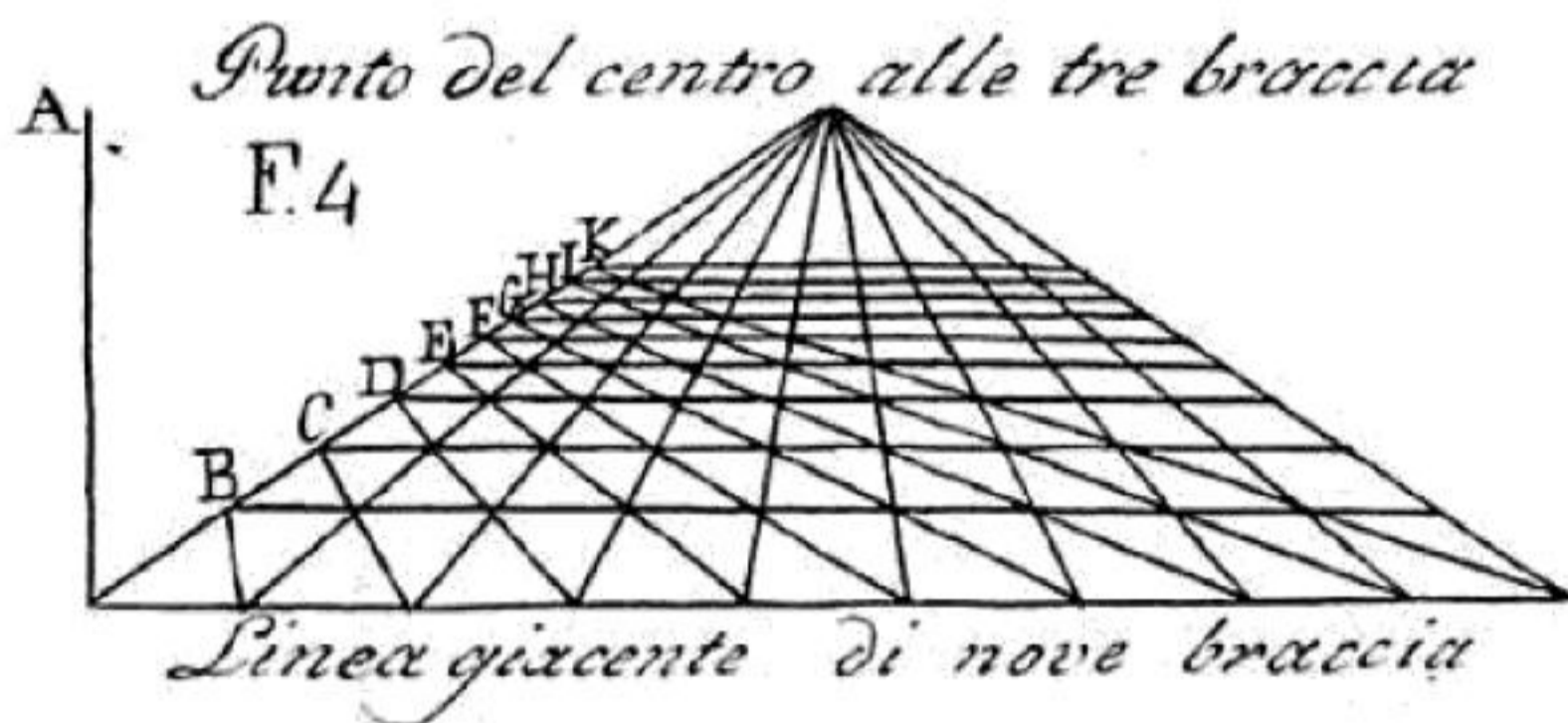
Imagem de: Karthik Kumar, Huigao Duan, Ravi S. Hegde, Samuel C. W. Koh, Jennifer N. Wei, "Print Colour at the Optical Diffraction Limit". *Nature Nanotechnology* 7, pp. 557–661, ago. 2012.

*image
not
available*

Questões de perspectiva

Simular a profundidade por meio da perspectiva foi uma técnica de representação desenvolvida na Itália no século XIII. Pela primeira vez, alguém foi capaz de estar no centro do mundo ao olhar para uma imagem. Isso influenciou de forma significativa o conceito do homem no cosmos. Com o desenvolvimento da perspectiva, o ser divino já não era mais a medida para todas as coisas, e é por isso que a nova perspectiva foi inicialmente rejeitada por tantas pessoas.

As crianças desenham figuras de vários pontos de vista simultaneamente de forma instintiva. Criar profundidade numa superfície plana por meio do desenho em perspectiva não é algo universal, mas uma habilidade cultural que se aprende.¹



Leon Battista Alberti. *Della architettura, della pittura e della statua*. Istituto delle Scienze, 1782.

Isso não significa que as imagens com diferentes formas de representação são menos sofisticadas num sentido artístico ou técnico. A arte japonesa desenvolveu maneiras singulares de representar profundidade muito diferentes das convenções ocidentais de perspectiva. Em *Visual and Visuality* [Visual e visibilidade], Norman Bryson analisa a perspectiva no tipo de

pintura japonesa na qual se joga tinta, Ch'an: "No caso desse tipo de pintura, a solução Ch'an é desfigurar a imagem, a visão bipolar, ao abrir-se para a força da aleatoriedade". E, "quando o pintor ou calígrafo joga a tinta, ele renuncia à reivindicação de agir como o centro universal".²

A capacidade de enxergar profundidade numa imagem está relacionada à experiência visual do observador. Se você foi exposto a poucas imagens, terá menos recursos para a decodificá-las. Nos anos 1960 e 1970, antropólogos descobriram que algumas pessoas que viviam em áreas remotas não eram capazes de enxergar profundidade nas imagens. Num teste realizado em 1960 muito citado por Hudson,³ perguntaram a um grupo de trabalhadores analfabetos da África do Sul o que o homem representado em um desenho estava fazendo: 91% deles interpretaram "errado" a profundidade na imagem e responderam que o homem estava jogando uma lança no elefante – o que mostra como a perspectiva é uma convenção ocidental que não pode ser universalmente aplicada. É importante dizer que esse exemplo é dos anos 1960, e a pesquisa não é válida para o contexto sul-africano atual; ainda assim, ela demonstra a relatividade da perspectiva.